

O LEÃO DAS PAIXÕES E O DIVÃ DA APATIA: UMA REVISÃO DAS TEORIAS DAS EMOÇÕES DESENVOLVIDAS DURANTE A ANTIGUIDADE GREGA

Diego Abreu¹

Resumo: O objetivo precípua deste trabalho é apresentar uma breve revisão das teorias das emoções cunhadas ao longo da Antiguidade grega. Por se tratar de um período historicamente longo, abrangendo um número extenso de pensadores, o presente escrito se concentra nos modelos teóricos propostos por quatro correntes de pensamento: 1) o platônico-socrático, 2) o aristotélico, 3) o estoico; e 4) o epicurista. Além da exposição dos esquemas de inteligibilidade para o fenômeno das emoções propostos, o presente artigo também traz uma discussão acerca dos pontos de compatibilidade, complementariedade e divergência entre as vertentes teóricas iluminadas. Observa-se a existência de um conjunto de similaridades e tangências conceituais entre as diferentes visões advogadas. Tais convergências residem em torno do consenso dualista-realista fundador do ideário de cada uma das escolas filosóficas revisitadas.

Palavras-chave: Teoria das Emoções; Platonismo; Aristotelismo; Estoicismo; Epicurismo.

THE LION OF THE PASSIONS AND THE APATHY'S COUCH: A REVIEW OF THE EMOTIONS THEORIES DEVELOPED DURING THE ANCIENT GREECE

Abstract: The main objective of this work is to present a short review of the emotions theories coined during Classical Greek Antiquity. Due to its historical length, covering numerous thinkers, this writing focuses on the theoretical models proposed by four different currents of thought: 1) Plato-Socrates; 2) Aristotle; 3) Stoicism; and 4) Epicurus. Besides the exposition of those intelligibility schemes, this article also advances a discussion about the points of compatibility, complementarity and divergence among the presented theoretical lines. It is observed the existence of a series of similarities and conceptual tangencies among the advocated views. Those convergences dwell around the realist-dualist consensus that founds each of the revised schools' framework of ideas.

Keywords: Emotions Theory; Platonism; Aristotelianism; Stoicism; Epicureanism.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história das ideias no Ocidente, poucos temas têm mobilizado tanto interesse quanto a esfinge das emoções, em todas as suas facetas e inter-relações com a vida humana. A pluralidade de termos utilizados para iluminar diferentes aspectos de tal

¹ Doutorado em Estudos da Linguagem (PUC-RIO), Mestrado em Estudos da Linguagem (PUC-RIO) e Graduação em Letras (UERJ). Professor EBTT IFMA-Codó e Professor do Programa de Pós-Graduação em Língua Inglesa PUC-RIO Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6236108502396449> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0591-6918> E-mail: diegocurciodeabreu@gmail.com

fenômeno (paixão, afeto, sentimento, humor, emoção, *pathos*, sentir²) evidencia a diversidade de lentes investigativas que se deitaram sobre o objeto. O pensamento contemporâneo, insurgente contra muitos dos cânones erguidos pela Modernidade, encontra no estudo dos afetos uma trilha exploratória que o leva por destinos diferentes daqueles permitidos pelo culto cartesiano à *res cogitans*. Assim, inúmeros são os estudiosos, das mais distintas áreas, que voltam seus olhos no mundo hodierno para as emoções (MORAES BEZERRA, 2013; SCHUTZ; ZEMBYLAS, 2009 – apenas para citar alguns).

Ainda que sobejas, muitas das disquisições focadas na questão da afetividade carecem de alguns atributos que, segundo aponta Pavlenko (2013), colocam em risco a sua solidez e sua coerência. Dentre estes, a autora destaca a sua debilidade teórica, ou seja, sua falta de densidade conceitual, devida, fundamentalmente, a uma leitura deficitária dos escritos que tocam o tema. Diante de tal problema, torna-se importante dispormos de um conjunto de textos que delimitem e sintetizem a literatura da área, de modo a torná-la mais acessível àqueles que buscam ingressar sobre o terreno dos afetos.

Assentado na reflexão apresentada no parágrafo anterior, o presente artigo persegue um objetivo fulcral: expor uma breve revisão das teorias das emoções cunhadas ao longo da Antiguidade grega. A escolha do quadrante histórico a ter suas ideias sobre os afetos escrutinada possui duas justificativas. Em primeiro lugar, a Grécia antiga emerge como o ponto de partida de grande parte dos esforços de recuperação histórica do pensamento ocidental; o que se deve ao fato de encontrarmos em seu bojo alguns dos primeiros registros intelectuais acerca de temas variados. Ademais, o período em tela se mostra profícuo em teorias das emoções de caráter dualista e depreciativo em relação aos afetos, as quais foram revisitadas milênios depois por diferentes pensadores modernos (SOLOMON, 2013; STEARNS; STEARNS, 1988). Portanto, sendo a contemporaneidade insurgente tanto contra a estigmatização dos afetos quanto contra o essencialismo platônico, torna-se imperativo que as fundações dessas visões a que buscamos superar sejam conhecidas em detalhe – para que possam ser combatidas de maneira eficaz.

Além desta seção introdutória, o presente artigo conta com mais dois momentos. No primeiro, apresento de forma sintética os modelos de inteligibilidade construídos, respectivamente, por Platão, Aristóteles, os Estoicos e Epicuro em seu afã de entabular o

² Na presente pesquisa, utilizo tais termos de forma intercambiável. Para uma explicação minuciosa de tal decisão, ver Abreu (2018).

fenômeno das emoções. Em seguida, proponho um breve quadro teórico em que os pontos de contato e complementariedade entre as visões exibidas são explicitados. Por fim, destaco algumas breves considerações a título de conclusão.

O LEÃO DAS PAIXÕES E A TEORIA TRIPARTITE DA ALMA DE PLATÃO

Diferente de outros autores da antiguidade grega, cujas obras fragmentaram-se ou perderam-se pela ação do tempo, o pensamento de Platão se apresenta à contemporaneidade com algum grau de unidade e sistematização, estando a sua teoria das emoções integrada a tal sistema.

Para o autor, a alma humana se divide em três partes: racional, espiritual e apetitiva. Enquanto a parte apetitiva busca mecanicamente a satisfação de seus prazeres e a privação da dor, a parte superior, atribuída à razão, se engaja em uma relação de amor com a verdade e o conhecimento. Tangenciando ambas as partes, encontra-se o espírito, residência primordial das emoções. Alegoricamente, Platão (2001), em seu texto da República, representa hierarquicamente sua teoria das divisões da alma da seguinte forma: a parte racional é retratada como o ser humano, o espírito se vincula à imagem do leão, já a parte apetitiva é apresentada como uma besta de múltiplas cabeças (KNNUTTILA, 2004). Essa configuração proposta por Platão não se institui em harmonia: a besta, o leão e o humano se digladiam em busca da satisfação de seus interesses inerentes. Assim, a ação e o comportamento do indivíduo refletirão o resultado dessa batalha embrenhada dentro da alma, tornando-se virtuoso aquele cuja razão logra-se vitoriosa e vicioso aquele dominado pela sua besta.

Essa dinâmica conflituosa interna, eleva a parte espiritual da alma (e, por conseguinte, as emoções) a uma posição intermediária e ambivalente nessa batalha. Quando guiadas virtuosamente pela razão, as emoções convertem-se em instrumentos valiosos na luta contra as pulsões bestiais inferiores. No entanto, quando não propriamente domadas, as emoções turvam o nosso julgamento e impingem nosso olhar para as vicissitudes das coisas terrenas, tornando-se um empecilho para o labor superior da razão.

Apesar do caráter aparentemente conclusivo da teoria das partes da alma apresentada por Platão no texto da *República*, alguns comentadores (NUSSBAUM, 2001; KNNUTTILA, 2004; FORTENBAUGH, 1975) afirmam que certos problemas referentes a essa sistematização foram apontados em debates na academia de Platão, sendo

posteriormente revisados pelo filósofo nos diálogos *Fedro* e *Fílebo*. Essa revisão aproximou o espírito da parte superior da alma, sendo às respostas emocionais atribuído o estatuto de fenômeno cognitivo ensejador de atitudes virtuosas, apesar de não possuírem o mesmo valor que a reflexão racional (KNNUTTILA, 2004). Um exemplo representativo dessa revalorização das paixões no pensamento socrático-platônico pode ser encontrado no segundo discurso de Sócrates no diálogo *Fedro*. Em sua fala, o filósofo atribui ao amor (*Eros*) um poder de fascinação e loucura que, cultivado no terreno de uma alma filosófica, sustenta o amor dos indivíduos pelos objetos da alma racional como a beleza e a verdade.

Outro ponto revisto por Platão acerca de sua teoria das emoções apresentada na *República* pode ser observado em *Fílebo*. Nesse diálogo, o filósofo articula de forma mais complexa a sua reflexão sobre os três níveis da alma. Inicialmente, Platão aproxima as emoções à dinâmica caótica dos apetites e sua satisfação que culmina em episódios de prazer e desprazer. No entanto, essa relação não se estabelece de forma fisiologicamente mecânica, como seu desenvolvimento inicial na *República* sugeria. Emocionar-se ou sentir envolve não apenas a existência material de um dado estado corporal, mas, invariavelmente, a consciência da razão acerca desse estado prazeroso ou desagradável. Nesse sentido, de acordo com essa visão, “a parte cognitiva de uma emoção ocorrente é a avaliação da mudança nas condições existencialmente relevantes de vida de uma pessoa” (KNNUTTILA, 2004, p. 23). Dessa forma, Platão antecipa em alguns milênios as bases daquilo que veio a ser denominado pela Psicologia Cognitiva de Teoria da Avaliatividade³, especialmente, no que tange ao papel do julgamento cognitivo na constituição das emoções.

Apesar do esforço revisório de Platão acerca de sua teoria, as emoções em sua obra ainda ocupam um lugar subsidiário em relação à parte racional da alma, quando muito, configurando-se em um elemento acessório ao cumprimento do papel da razão. Esse estatuto atribuído às emoções será subvertido no pensamento do seu mais brilhante discípulo: Aristóteles. A ele e à sua teoria composicional que a próxima seção será dedicada.

ARISTÓTELES E A TEORIA COMPOSICIONAL DA EMOÇÕES

³ Appraisal Theory.

Apesar de erigido sobre o alicerce da teoria platônica, o pensamento de Aristóteles não apenas deu continuidade, mas, em diversos aspectos, se distanciou do de seu mestre. No que tange à reflexão sobre as emoções, Knnuttila (2004) aponta que a relevância atribuída por Aristóteles aos componentes emotivos na constituição da personalidade humana descende do interesse maiúsculo de Platão pelo tema no findar de sua obra. No entanto, o pensamento aristotélico se ancorou em uma ideia mais naturalista do fenômeno das emoções, não se levantando frontalmente contra a visão platônica, mas redesenhando algumas de suas fronteiras basilares (LEIGHTON, 2008). Outro ponto característico da obra de Aristóteles reside na natureza sistemática de sua produção intelectual. Assim, a análise de um conjunto de emoções realizada pelo autor no segundo livro da *Retórica* representa o primeiro esforço detalhado e sistematizado de entendimento da questão na tradição grega (KNNUTTILA, 2004). No que tange à essa análise, mesmo sem deliberadamente desenvolver uma teoria geral das emoções, as doze emoções estudadas por Aristóteles nos fornecem um terreno fértil para expandirmos as premissas do autor e desenharmos um panorama teórico mais holístico

O intercurso aristotélico pelas diferentes emoções se edifica sobre o solo de quatro componentes que, de forma geral, podem ser considerados a constituição central de sua teoria: componente avaliativo-cognitivo, componente sensitivo, componente comportamental e o componente fisiológico. O primeiro se refere a um julgamento valorativo polarizado (positivo ou negativo) acerca de um estado presente, uma memória ou uma projeção acerca de um futuro antecipado. No que diz respeito ao componente sensitivo, este se configura como a dinâmica de sentimentos prazerosos e desagradáveis relacionada com a materialidade cognitiva da avaliação. O componente comportamental, por sua vez, representa uma inclinação natural para uma dada ação ou inação, cujo vetor de força central reside na avaliação cognitiva. Ao lado do primeiro componente, o comportamento constitui a causa formal para o fenômeno emocional. Finalmente, o componente fisiológico abrange as alterações somáticas e neurológicas observadas no transcorrer de uma experiência emocional. (KNNUTTILA, 2004; LEIGHTON, 2008). Esses componentes apresentados por Aristóteles estão inerente e ontologicamente interligados na constituição do fenômeno emotivo, implicando em relações causais e materiais entre os mesmos. Dessa forma, a própria dinâmica integrativa de uma emoção enseja a completude da trama composicional que a sustenta, estando, na visão aristotélica, impossibilitada a existência do fenômeno emocional desarticulado de algum de seus componentes.

Em sua *Ética a Nicômaco*, Aristóteles (1973) discute a inter-relação entre os aspectos emocionais e sentimentais à dinâmica da vida na *polis* grega, considerando a valoração ética das condutas dos indivíduos, especialmente, no que tange à reflexão acerca da virtude e da justiça. Diferentemente de seu mestre, Aristóteles não reconhece uma separação substantiva entre corpo e alma. Logo, para o filósofo de Estagira, as partes da alma, conforme cunhadas por Platão, se integram entrelaçadamente à materialidade corpórea. No momento em que o indivíduo delibera acerca de sua conduta, a parte emocional e a parte racional da alma se tangenciam, sagrando-se virtuosa a ação balizada primordialmente pelo jugo da razão, não pelo impulso da sugestão emotiva. Essa reflexão é estendida por Aristóteles para o campo das relações sociais e políticas, sustentando a confecção de um diapasão de valoração hierárquica dos indivíduos. Dessa forma, a conduta concretizada, resultante do embate entre as diferentes partes constitutivas da alma, determina o estatuto político do indivíduo na sociedade grega. Como exemplo, Aristóteles destaca o caso da raiva, emoção que o pensador atribui majoritariamente a pessoas inferiores, débeis e incertas acerca de sua potência física ou intelectual (KONSTAN, 2005).

Apesar de Platão e Aristóteles, cada um em sua medida, preconizarem o balizamento estrito das emoções pela razão na instituição da conduta humana, ambos os filósofos entenderiam como absurda e delirante a ideia de um ser humano cujo caráter fosse fundado apenas sobre o solo da intelectualidade. Esse é o ponto de ruptura central da reflexão estoica em relação a seus antecessores: a busca pela subjugação cabal e definitiva das emoções. Ao pensamento dessa escola que dedico a próxima seção.

O CULTO DA APATIA: A TERAPIA MORAL ESTOICA

Partindo de uma lente mais ampla, podemos aproximar a visão dominante na escola estoica acerca das emoções à teoria inicial de Platão. No entanto, os estoicos radicalizaram o antagonismo em relação às emoções: para os filósofos helênicos, o leão da alegoria platônica representa um mal tão grande quanto a besta de múltiplas cabeças. Para dar sustentação a esse novo construto teórico, os estoicos se ancoraram em um modelo unitário da alma humana, dividida entre a materialidade do corpo e a idealidade da razão (KNNUTTILA, 2004).

Historicamente, a escola de filosofia estoica tende a ser dividida em três momentos: os primeiros estoicos, os médios e os tardios. Dentre aqueles, destacam-se Zenão de Cítio, fundador da escola em 300 A.C.; Cleantes de Assos, seu sucessor; e

Crisipo de Solis, terceiro líder da corrente. Quanto aos estoicos médios, Panécio de Rodes e Possidônio de Apameia representam os nomes mais ilustres. Por fim, vinculados à fase tardia da escola, sobressaem-se Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio (KNNUTTILA, 2004).

Apesar de certas discordâncias entre alguns pensadores, a escola estoica guarda alguns pressupostos que balizam fulcralmente a obra de seus adeptos. Dentre esses alicerces centrais se encontra a concepção de alma estoica. Para essa corrente filosófica, a alma é um elemento material polimerizado ao corpo, cujo ponto central de comando delibera acerca dos movimentos e controla as outras partes periféricas. Outra premissa compartilhada pelos estoicos se refere à sua epistemologia, fundada na apropriação da aparência dos objetos do mundo pelos indivíduos. Nesse paradigma, o sábio estoico deve buscar desenvolver sua capacidade cognitiva de apreensão para assegurar-se de que suas percepções encontram respaldo de verdade na realidade concreta. Ancorados nessa assunção, os estoicos distinguem constitutivamente em dois níveis diferentes os nossos pensamentos acerca das coisas no mundo e essas coisas em si. De tal forma, o escopo de atuação da filosofia e da terapia moral estoica se assevera sobre os julgamentos das pessoas, como podemos perceber nesse mantra presente no Enquirídio 5 da escola: “Não são as coisas em si que perturbam as pessoas, mas seus julgamentos acerca dessas coisas” (ROBERTSON, 2013, p. 2).

Em grande medida, a investigação dos estoicos acerca das emoções está relacionada com o papel destas na sua teoria moral e na constituição da ideia de sabedoria estoica. Para os estoicos, o norte moral que deve guiar a vida do sábio é a ideia de virtude, enquanto, por outro lado, o tolo se deixa repetidamente seduzir pelo vício. No seio dessa oposição, reside a perniciosidade das emoções: ao atrair os olhos do indivíduo para outros objetos que não aqueles determinados pela virtude, as emoções turvam nossa capacidade de juízo e nos afastam da sabedoria da natureza. Assim, o problema da ação viciosa não se encontra na falta de informação ou no desconhecimento da virtude, mas sim na fraqueza humana que, mesmo conhecendo os caminhos virtuosos, se permite assediado pela irracionalidade das emoções, testemunhando os seus jugos tornarem-se afetivamente enviesados.

Uma das grandes contribuições dos filósofos estoicos reside em sua sistematização tipológica, dividindo as emoções em quatro tipos fundamentais cronologicamente motivados: prazer/desprazer e dor, relacionados ao presente; e apetite e medo em relação ao futuro (KNNUTTILA, 2004). A partir desse diapasão, as demais emoções são tipologicamente classificadas. Como alicerce para essa categorização, cada

um dos tipos propostos pelos estoicos é entendido através de metáforas de afastamento e aproximação, tanto na dimensão espacial quanto no âmbito temporal. Nesse sentido, desprazer, dor e medo são representados pela imagem da contração e do afastamento, sendo aqueles relacionados ao tempo presente e este último ao futuro. Por outro lado, prazer e apetite estão vinculados à ideia de elação ou aproximação no presente e no futuro, respectivamente.

Apresentadas as linhas gerais da teoria das emoções estoica, podemos mergulhar nas particularidades do olhar de alguns dos pensadores mais relevantes dessa tradição. Segundo Epicteto, um dos elementos fundamentais para uma vida de sabedoria é o distanciamento em relação às impressões que o indivíduo tem do mundo. De forma prática, esse distanciamento equivale a uma constante despotencialização das emoções, cuja influência sobre nossa conduta tende a se estiolar com o passar do tempo. Acerca dessa questão, Epicteto assevera: “quando obtiver alguma impressão prazerosa, resguarde-se para não ser carregada por ela (...) dê a si próprio um pouco de adiamento” (ROBERTSON, 2013, p. 4).

Outro autor cujas contribuições excederam as premissas básicas do estoicismo é Sêneca. O autor romano, partindo da teoria dos primeiros movimentos de Possidônio, desenvolveu uma discussão acerca da raiva assentada sobre a ideia de movimentos involuntários da alma precedentes às emoções, que influenciou imensamente a última geração de filósofos estoicos (KNNUTTILA, 2004). Para Sêneca, as emoções se estabelecem em uma dinâmica de três movimentos. O primeiro movimento se refere à percepção mental involuntária de uma determinada contingência da vida em relação à minha presença no mundo. Porém, esse estágio deflagrador ainda não constitui a emoção, estando a existência desta condicionada ao segundo movimento, representado pelo assentimento (julgamento volitivo) da mente à essa interpretação inicial. No entanto, para a consumação do fenômeno emocional, faz-se necessária a concretização do terceiro movimento: o assentimento mental deve carregar em seu bojo um impulso de obstinação que, mesmo diante de juízos contrários da razão, impinja o indivíduo para a consagração de sua ação viciosa (KNNUTTILA, 2004).

Além dos esforços teóricos de sistematização do fenômeno das emoções, os pensadores estoicos também se envolveram em um labor mais prático, voltado para a instituição de rotinas, métodos e tratamentos de natureza profilática e terapêutica para o mal causado pelo desregramento dos afetos na vida dos indivíduos. Nesse sentido, o objetivo da educação, enquanto instituição formadora, se encontra no adestramento da

parte emocional da alma pela razão superior. Em casos de fracasso formativo desses processos educacionais, a terapia estoica visava a remediar o mal causado pela desmesura afetiva e mitigar sua potência na ação do indivíduo. Em síntese, a base filosófica da terapia estoica assenta-se no entendimento das emoções não apenas como nocivas, mas também enganosas, portanto, ética e epistemologicamente perniciosas. Em última instância, as emoções eram consideradas enfermidades. Essa concepção sagrava-se coerente com a teoria estoica que entendia a alma não como um elemento etéreo e transcendental, mas como um componente material do corpo. Logo, segundo a visão estoica, atitudes viciosas decorrentes de julgamentos desmedidamente afetivos estimulam os mesmos efeitos nocivos que doenças viscerais.

Dentre as ferramentas terapêuticas desenvolvidas pelos estoicos, destacam-se o uso feito por Possidônio de músicas amenas e da imaginação para previsão de situações de florescimento emotivo, ensejando um nível de autocontrole mais elevado; o método de conscientização acerca da inutilidade, artificialidade e periculosidade das emoções implementado por Crisipo; e a repetição de mantras e técnicas de premeditação de contextos afetivos desenvolvidas por Epicteto. Apesar das singularidades e vicissitudes de cada método, todos os esforços terapêuticos estoicos possuem uma premissa prática comum: a paulatina tomada de poder deliberativo da razão perante as emoções.

Apesar da importância da herança estoica nos estudos acerca das emoções, a investigação dessa questão não se resumiu a um monopólio estoico durante o período helenístico. Os filósofos seguidores de Zenão rivalizaram com a corrente do Epicurismo, cuja visão negativa a respeito das emoções apresentava-se quase análoga, mesmo estando alicerçada em premissas antagônicas. A seção seguinte abordará o pensamento dessa escola.

NO CAMINHO DA ATARAXIA E DA APONIA: A TEORIA DAS EMOÇÕES EPICURISTA

Como apresentado acima, estoicos e epicuristas compartilhavam a mesma desconfiança acerca do papel das emoções na vida humana. No entanto, como aponta Knuutila (2004) “o ideal estoico consistia em agir no mundo como um praticante e proponente da Razão divina, algo a muito removido do afastamento epicurista.” O ponto central de distinção da filosofia de Epicuro para a de seus contemporâneos reside na equiparação realizada pelo autor entre felicidade, virtude e prazer. Nesse sentido, as palavras do próprio Epicuro deixam pouca margem à dúvida acerca de sua posição: “o

prazer é o início e o fim de uma vida abençoada” (HAMPSON, 2013, p. 7). No entanto, apesar de algumas leituras superficiais da filosofia epicurista retratarem o seu pensamento como um hedonismo desmedido, o conceito de prazer para Epicuro possui um caráter mais restrito, estando alicerçado em duas ideias fulcrais: *Ataraxia* e *Aponia* - esta, representando a ausência de dor física e aquela a ausência de perturbações na mente (HAMPSON, 2013).

Ao contrário da teoria estoica, cujas fontes são majoritariamente autógrafas, nosso conhecimento acerca do pensamento epicurista sobre as emoções é fragmentado e, em grande medida, produto de comentadores e críticos de suas ideias centrais (ANNAS, 1981). O texto remanescente da visão de Epicuro mais fidedigno à sua filosofia é assinado por Filodemo de Gádara, possuindo o título de *Sobre a raiva*. Em meio às suas elucubrações acerca dessa emoção específica, Filodemo define a emoção como “um complexo de desejo e o estado físico do agente” (ANNAS, 1981, p. 10). Com base em tal visão, podemos perceber que o olhar epicurista transcende o aspecto cognitivo das emoções, característico do pensamento estoico. Assim, a emoção não representa apenas um juízo distorcido, mas também se edifica no corpo de quem a experiencia, ou seja, articula uma esfera cognitiva a uma percepção fisiológica. Ancorado nessa definição, Filodemo apresenta o que poderia ser entendido como o modelo terapêutico epicurista, que, em grande medida, assemelha-se aos métodos estoicos, porém, salienta as consequências desagradáveis do fenômeno emotivo na vida do indivíduo.

O caráter fragmentário e inconcluso da reflexão de Epicuro fomenta debates em seus comentadores acerca da interpretação legítima de sua teoria das emoções. De maneira geral, os esforços hermenêuticos da obra de Epicuro bifurcam-se em duas correntes interpretativas: uma leitura intelectualista e uma leitura centrada no papel do inconsciente. Os partidários da interpretação intelectualista (ANNAS, 1981) defendem que as emoções têm como base fundamental as crenças que a instituem. No entanto, para os intelectualistas, essas crenças se edificariam sobre o terreno volicional da consciência. Por exemplo, a raiva possuiria como objeto central a crença em uma injustiça cometida contra algo caro ao indivíduo e a disposição intransigente de reparar esse mal feito. Por outro lado, os adeptos da interpretação centrada no inconsciente (KNNUTILLA, 2004), apesar de também reconhecerem a centralidade das crenças na teoria epicurista, entendem que essas crenças possuem uma natureza inconsciente, acessível ao indivíduo apenas a partir de técnicas específicas e intervenções terapêuticas. Não surpreendentemente, os

defensores da interpretação inconsciente observam diversas aproximações e tangências da terapia dos epicuristas com a prática da psicanálise (KNNUTTILA, 2004).

Apesar das interpretações controversas, o âmago da teoria das emoções epicurista reside na assunção do caráter maléfico das crenças, pois, perante o seu julgamento, os indivíduos afastam-se dos objetivos fundamentais da vida humana: a busca e a preservação da *ataraxia* e da *aponia*. Nesse caminho, o sábio epicurista mantém-se alerta à nocividade das crenças cotidianas em busca de um movimento constante de desprendimento do mundo e de suas afetações, rumo a uma vida sem perturbações e sem dores.

Finalizada a apresentação do pensamento de Epicuro acerca do objeto em tela, encerro o trajeto de revisão das diferentes teorias das emoções presentes e influentes na Antiguidade grego-helênica. Na seção seguinte, proponho uma breve reflexão acerca dos pontos de enodamento e aproximação entre os distintos modelos de inteligibilidade discutidos neste escrito.

A UNIDADE EM MEIO À PLURALIDADE: UMA TEORIA HELÊNICA DAS EMOÇÕES

Ao longo das páginas pregressas, diferentes aspectos pertinentes a cada uma das teorias das emoções devassadas neste estudo foram discutidos. Contudo, em meio a uma tapeçaria de distinções e singularidades, alguns pontos de convergência, que possuem importância fulcral na confecção de tais modelos de inteligibilidade, se tornam sobressalentes. A presente seção tem como objetivo explicitar essa interface, de modo a iluminar as bases fundadoras do que poderia ser considerada uma meta-teoria helênica das emoções.

Três são os pontos nodais que entrelaçam as visões platônica, aristotélica, estoica e epicurista em um sistema dotado de algum grau de unidade: 1) uma valoração ética negativa do papel das emoções na conduta humana; 2) a separação qualitativa entre o âmbito das emoções e a dimensão racional; e 3) a defesa da tutela das emoções por alguma instância cognitiva mais virtuosa.

Apesar de diferentes graus de severidade e radicalidade em relação ao papel tóxico dos afetos no comportamento humano, a faceta da filosofia grega revisada neste escrito concorda, em alguma medida, acerca do caráter pernicioso das emoções quando hegemônicas na alma do sujeito ou quando guiadas por paixões inferiores. O leão de Platão, por exemplo, ainda que possa ser domado em prol da elevação da razão, também

pode ser cooptado pela besta dos impulsos venais, o que implicaria em um empoderamento ainda maior dos instintos animais e intestinos do ser humano. A busca errante de Epicuro por uma trajetória terrestre de prazer, em vez de cimentar uma reconciliação com a afetividade, orienta sua filosofia a um caminho antagônico: uma apologia fleumática a uma vida de sobriedade e apatia.

No que tange ao segundo elo entre a tétrede de teorias aqui iluminadas, ainda que assentadas em diferentes concepções ontológicas e epistemológicas, cada um dos modelos teóricos revisitados advoga em favor da distinção qualitativa entre as emoções e a racionalidade. Aristóteles, por exemplo, funda sua reflexão ético-política em uma disputa, travada na alma humana, entre a razão, ensejadora de virtudes, e a emotividade, raiz dos males sociais. Na mesma verve, os estoicos estigmatizam as emoções como lentes de distorção do bem, levando as pessoas por elas conduzidas a agirem de modo vicioso.

Finalmente, corolário aos dois pontos de convergência anteriores, emerge a ideia da tutela vigilante da cognição sobre as emoções. Se o leão das paixões platônico, quando abandonado ao jugo dos impulsos baixos se converte em combustível do vício, quando patrulhado pela sentinela da razão, se torna um meio de afirmação do bem e da virtude. Da mesma forma, quando terapêuticamente subsumido pelos mantras estoicos, as emoções cessam de ser empecilhos para tornarem-se companheiras na caminhada do ser humano em busca de sua elevação.

Explicitados os pontos de contato entre as teorias das emoções helênicas aqui revisadas, teço na seção seguinte algumas considerações derradeiras sobre a pesquisa apresentada neste escrito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio a uma pletera de outros atributos, a contemporaneidade se caracteriza por um processo de reconciliação da civilização ocidental com os afetos (MOITA LOPES, 2006). Se em filósofos como Nietzsche (1992) e psicólogos como Vygotsky (2001) já percebemos as bases desse esforço de reencontro com o *pathos*, a efervescência de estudos centrados no tema das emoções, desenvolvidos nas mais distintas áreas, evidencia a reviravolta que o mundo pós-moderno empreendeu em sua compreensão dos afetos. Contudo, como advertido por Pavlenko (2013), uma idolatria da afetividade, similar ao logocentrismo advogado pela tradição moderna, implicará em uma simplificação análoga da complexidade do fenômeno, estiolando nossa capacidade de entender os mais diversos aspectos da vida humana. Assim, torna-se imperativo que a

euforia demonstrada pela literatura hodierna em relação aos afetos se converta em energia intelectual para perscrutar esse objeto em suas mais diversas facetas.

Movido por essa reflexão, o presente artigo devassou algumas das teorias das emoções mais influentes ao longo do período helênico, com o afã de prover um suprimento conceitual para pensadores que, interessados na temática das paixões, possam mergulhar na sabedoria antiga acerca do assunto. Certamente, inúmeros são os aspectos dignos de crítica e reformulação nos modelos da Antiguidade Grega. A fetichização da racionalidade, a sacralização da consciência humana e a satanização de toda a nossa sensibilidade não apenas causam mal-estar no leitor contemporâneo, como também revelam um conjunto de premissas distorcidas que permeavam a produção intelectual grega. Porém, no esforço investigativo de tais filósofos de antanho também encontramos ideias valiosas: a articulação entre as diferentes “dimensões da alma” na constituição do ser platônico, a visão aristotélica do fenômeno afetivo como um plexo de componentes interligados e a busca estoica e epicurista pela tranquilidade e sobriedade (duas emoções). Essas noções podem premiar o leitor atento com *insights* e reflexões enriquecedoras para a formação de um entendimento mais sólido sobre as emoções. Ademais, a percepção dos erros cometidos em tempos de outrora pela glorificação idílica da razão pode sensibilizar os partidários do patocentrismo (PAVLENKO, 2013) atual a se embebedarem na sabedoria de Platão, compreendendo que o leão das paixões pode ser tanto um companheiro virtuoso como um guia para o vício.

REFERÊNCIAS

ABREU, D. C. **O inglês à flor da pele: investigando o processo de construção discursiva das experiências emocionais em trajetórias de aprendizagem de língua inglesa** (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2018.

ANNAS, J. **An Introduction to Plato's Republic**. Oxford: Clarendon Press, 1981.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross In: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1973.

FORTENBAUGH, W.W. **Aristotle on Emotion**. Duckworth: Londres, 1975.

HAMPSON, M. R. **A non-intellectualist account of Epicurean emotions**. Tese de Doutorado 2013.

KNNUTTILA, S. **Emotions in Ancient and Medieval Philosophy**. Oxford: Clarendon Press, 2004.

KONSTAN, D. **A amizade no mundo clássico**. São Paulo: Odysseu, 2005.

LEIGHTON, S. R. **Aristotle and emotions**. Ousia: Rio de Janeiro, 2008.

MOITA LOPES, L. P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: _____. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 13-43.

MORAES BEZERRA, I. C. R. Aprender a ensinar inglês: O que o afeto tem a ver com isso? **Revista Soletras**, nº 25, 2013. pp. 257-281.

NIETZSCHE, F.W. **Assim falava Zaratustra**. Trad: Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 1992.

NUSSBAUM, M. **The fragility of goodness: luck and ethics in greek tragedy and philosophy**. 2. ed. Cambridge, Cambridge University Press, 2001.

PAVLENKO, A. The Affective Turn in SLA: From 'Affective Factors' to 'Language Desire' and 'Commodification of Affect'. In: **The Affective Dimension in Second Language Acquisition**. Ed: BIELSKA, J.; GABRYS-BARKER, D.; Salisbury. 2013. pp. 5-61.

PLATÃO. **República**. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

ROBERTSON, D. **How Spartan were the Stoics**. Acessado em 21/02/2021. Disponível em: <https://StoicismandtheArtofHappiness:philosophy-of-cbt.com>, 2013.

SCHUTZ, P. A.; M. S. ZEMBYLAS (Eds.). **Advances in teacher emotion research**. Dordrecht: Springer. 2009.

SOLOMON, R.C. Emotions, Thoughts, and Feelings: What is a Cognitive Theory of the Emotions and Does It Neglect Affectivity? - In HATIMOYSIS, A. (ed.), **Royal Institute of Philosophy Supplement**. Cambridge University Press, 2003. pp. 1-18.

STEARNS, C.Z., & STEARNS, P.N. (Eds.). **Emotions and social change: Towards a new psychohistory**. New York: Holmes & Meier, 1988.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Recebido: 19 de abril de 2021

Aceito: 27 de maio de 2021